

# Gaiato

PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 4 de Julho de 1987 \* Ano XLIV — N.º 1130 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Partilha

Tão mergulhados na vida que, dificilmente, encontramos tempo e disposição para contemplarmos as maravilhas de Deus... e delas partirmos para Ele — nosso fim último.

Queremos à força agarrar a vida fora de Deus e da linha de Eternidade e ela fica vazia e sem sentido.

«O Mestre — diz Pai Américo — foi buscar o senhor do palácio, vestido de púrpura, e o homem das feridas a deixar-se lambar pelos cães — no parque! E com palavras pregou a Vida Eterna. Eu acredito na Vida Eterna! Eu sou pregador da Vida Eterna.»

E foi-o, de facto, amando a Deus e aos irmãos nas obras e palavras. Os dois únicos amores — o do Senhor e o dos Outros.

É pena que tantos amigos seus se fiquem, somente, no aspecto social — o cuidado das crianças e doentes — e não mergulhem fundo na sua Obra e nos seus escritos.

As pegadas do Mestre... Sim, o amor ao Pai e a urgência da construção do Reino (por nosso amor) fazem a medula da Missão de Jesus na terra. Esta decisão radical e única do Senhor coloca-nos na mesma opção radical e indica-nos, com

clareza, o caminho da Pátria. Deus não quer muito nem pouco; quer tudo.

«Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente; e ao Próximo como a ti mesmo.»

Não temos outro caminho.

Não há muito, encontrei uma senhora amiga que, muito feliz e efusiva, me comunicou:

— Sabe?, comprámos uma linda casa de campo e, como o meu marido se reformou com uma rica reforma, vamos viver para lá. Os filhos estão formados. Não temos mais preocupações.

— Olhe — disse-lhe — veja bem se poderá viver sem preocupações... O seu marido tem fé e esperança na Vida Eterna?

— Desde o casamento não mais praticou — respondeu.

— Então, acha que no pouco tempo que têm de vida vão realizar toda a vossa felicidade? E a Eternidade que vos espera?

Ficou pensativa, perturbada. E prometeu encarar a sério o maior problema.

Não desperdiçemos, infantilmente, as nossas vidas!

Padre Telmo



Deus não quer muito nem quer pouco; quer tudo.

## Uma boa notícia

A doença é uma forma de pobreza que tantas vezes vem juntar-se a outras, das quais a solidão não é a menor. Como tal, apaixonou Pai Américo que, por isso mesmo, pela sua incapacidade de resistir à atracção dos doentes, houve de ser convidado a deixar o Convento onde começou a sua preparação para o sacerdócio. E

depois, em Coimbra, em cujas ruas ensaiou seus primeiros passos, aí o temos de novo na pista do doente, fosse no tugúrio, fosse nos hospitais, dos quais, pela sua penúria, era rei o dos «Lázaros».

Ora vamos recuar muitos anos e escutar-lhe este desabafo a propósito de uma carta recebida, justamente dos doentes de um Sanatório do Carmuilo:

«De uma vez foi-me dado tratar de um doente, no que levei todo um mês, o de Setembro. Os dias eram tão formosos! Os parques de Coimbra aonde o doente morava, aliciavam a gente! Pois nunca ali fui. Apaixonei-me a tal ponto pelo meu doente que, quando ele começa a experimentar melhoras, começo eu a ficar triste. Já me fazia falta o meu doente!

A doença tem um sentido espiritual. O doente é uma pessoa conhecida de Deus. É preciso não conceder tudo à medicina. Nós temos o nome escrito no Livro da Vida. Não estamos de maneira nenhuma esquecidos ainda quando os sofrimentos nos parecem desengano. Se o doente pode apaixonar um estranho que o trata, é que algo existe nas doenças fora e acima do que

os médicos sabem. É a vontade de Deus. Ora Deus é, Pai!

Que todos compreendam. É para nos livrar de males piores que o nosso Bom Deus permite os nossos grandes males. Quem assim não lê, não sabe ler.»

Ora vamos lá aprender a ler! Assim o tem feito; assim o está fazendo «o grupo de Humanização Hospitalar que se constituiu espontaneamente no Hospital de S. João» (e certamente em outros hospitais... — quem dera em todos!) com o seu «Corpo de Voluntários que constitui a grande ponte entre a técnica e a atitude de humanização».

Nesta aprendizagem, chegou-se à descoberta de que também os grandes hospitais têm as suas «capelas imperfeitas». Estão inacabados. Falta-lhes um telhado que abrigue «aqueles doentes que já não precisam de internamento, mas que não têm família nem lugar para onde ir, ou que a família não quer ou não pode receber de volta. Muitos estão diminuídos fisicamente, precisam de apoio, não se bastam a si próprios. Não se trata apenas de doentes graves, terminais, mas de pessoas diminuídas a precisar de apoio permanente».

Então — prossegue o Pro-

## Outro livro de Pai Américo

# DE COMO EU FUI... Crónicas de viagem

Tudo leva a crer que, durante a próxima quinzena, sigam livros DE COMO EU FUI... — CRÓNICAS DE VIAGEM, da autoria de Pai Américo, para os assinantes da Editorial. São textos recolhidos d'O GALATO, com sabor muito especial, em grande parte um diário de jornadas pelo País fora como mensageiro da Obra da Rua — Recoveiro dos Pobres.

A presente edição do «Famoso» leva um postal RSF

(resposta sem franquia) — meio prático para leitores ainda não inscritos no sector livreiro — pelo qual podem requisitar a novidade (e outras edições da nossa Editorial). Logo que devidamente preenchido, é só colocá-lo no marco do correio mais próximo. Acentuamos, porém, a conveniência de escreverem, no postal RSF, o nome e endereço pessoais em letras maiúsculas, a fim de se evitarem problemas ocasionados por caligrafias hieroglíficas.

Como muita gente se apresta a viajar, porque não levar na bagagem o livro DE COMO EU FUI...?

A propósito: Numa página da obra há uma breve referência de Pai Américo acerca da autobiografia que tencionaria publicar: «Se eu fosse um dia escrever as minhas memó-

Cont. na 2.ª pág.

Cont. na 4.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Naquele sábado fomos fazer a visita ao casal; só que foi a uma hora um pouco diferente: da parte de tarde. E foi por Deus, pois o Hugo (de sete anos), o mais velho de três irmãos, fazia pena, cheio de febre, passava dos 40 graus; parecia que não via nada nem ninguém, de olhos esbugalhados e muito brilhantes, queixava-se de dores de cabeça e no peito. Dormitava, acordava. A mãe e ele tinham chegado do hospital onde receitaram um medicamento e qual o nosso espanto ao ver que era apenas xarope para a tosse.

A mãe, aflita, não sabia que fazer; não tinha dinheiro para chamar um médico, pois o da Caixa só segunda-feira. Dissemos que fosse chamar o médico, que arranjávamos o dinheiro (1.500\$00).

Mais à noite, fomos saber como ele estava, o que disse o médico: O menino tinha uma infecção pulmonar, teve que tomar penicilina e outros medicamentos.

Foi por Deus termos chegado naquela hora. O Pobre não aguentava até segunda-feira.

Maria Germana e Augusto

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Da assinante 1977, 1.000\$; e das senhoras do costume, 300\$00.

J. R. D., 1.000\$00, «para uma das muitas necessidades que ajudais a minorar». Duma mãe com 83 anos, em acção de graças ao Coração de Jesus, «vai este modesto cheque para tapar alguns buracos e destinado a aliviar os simpáticos vicentinos». Rua António Carneiro, 79 — 1.000\$00. De Lisboa, 2.000\$00 e um lindo postal de Amsterdam: «Estou de volta de mais uma ausência. Leio os *Gaiatos* atrasados e aqui vai a minha colaboração para a Conferência de S. Francisco de Assis. V. G. P.». «Os mil escudos, que junto, são para comprar alguns géneros para a sr.<sup>a</sup> Dália, a velhinha de 85 anos.

Uma assinante d'O GAIATO. «Caros amigos, uma migalhinha mais para aquilo que é necessário. A nossa velhinha, sr.<sup>a</sup> Dália, tem tantas necessidades e falta de tudo. É pouco, mas com amor; e que o Alexandre e a Emilia se animem porque o Senhor proverá. Assinante 26271». J. P. Otero, 1.000\$00 «para os nossos irmãos que muito necessitam, que o Senhor vos ajude a ser bons samaritanos». Assinante 18259, 1.000\$00 para ajuda do pão e do leite.

Assinante 19294, «pequena migalhinha» para a campanha tenha o seu Pobre: 1.000\$00. S. C. C., 10.000\$00 para uma família pobre. Anónima, 1.000\$00. Assinante 27133, 2.000\$00. De um Amigo, 300\$00 do mês de Abril mais 300\$00 de Maio. F. M. Martins: recebemos a migalhinha que nos coube. Com um abraço do nosso amigo e assinante 22801, de Mougueira, 2.000\$00; e 1.000\$00 e mais 1.000\$00 e mais 1.000\$00 da assinante 19177.

Um bem haja a todos pelas ajudas que nos dão.

José Alves

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela avó sofre pelos filhos... E, também, pelos netos — órfãos. Vê o seu dia chegar e aflige-se:

— *Ando mal. Muito mal. Deito sangue pela boca...*

Respira fundo, senta-se no mocho e fica em silêncio. Também nós!

A orfandade é situação dolorosa, especialmente para os sem pai nem mãe!

— *S'eu morrer — torna a avó — não sei p'ra onde eles hão-de ir!*

Conta mais: Se os filhos não lhe prestam atenção, quanto mais aos pequenos — órfãos!

É mais que lógica a aflição desta mulher no fim da vida, pois não quer as crianças fora do ambiente familiar — quando muito boa gente pensa logo *despachá-los*. Está na linha de Pai Américo!

— *É um desgosto muito grande. Não sei p'ra onde eles hão-de ir! E fica a chorar!*

● Também servimos a problemática dos *novos Pobres* — vítimas do desemprego ou de salários em atraso — nesta região-dormitório do grande Porto.

Durante alguns meses acudimos a uma família que já resolveu a desgraça por suas mãos. Aliás, quando começámos a aliviar o peso da mercearia, afirmaram logo: «*Botem-nos a mão intê s'arranjar trabalho*».

Estes Pobres merecem pronta ajuda. São carências pontuais. Não estendem a mão. Sofrem em silêncio — com discreção: — *Estamos a passar mal. Temos vergonha de pedir...*

Entretanto, recebemos, hoje, o sinal com muita alegria: — *O meu home já trabalha. Não precisamos mais..., graças à Senhor!*

Este graças à Senhor é uma Acção de Graças. Espontânea. Saída do coração. Partilhada por todos nós!

PARTILHA — «Com saudações fraternas», recebemos a partilha mensal de uma assinante de Paço de Arcos, cuja presença dura há muitos anos — sempre com a mesma devoção. Graças a Deus!

Um cheque da assinante 20174 para «o que entenderem». Metade, para a renda de casa duma família aflita. A outra, para remédios. Temos doentes pobres auxiliados pela nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa.

O habitual vale de correio da assinante 27063 pedindo «uma oração pelas suas melhoras». Lembremos esta Amiga. Idem, da 6790.

Mais 4.150\$00, «dinheiro enviado por duas pessoas que desejem ter, acima de tudo, a preocupação com aqueles que nada têm»; e, mais adiante, uma advertência: «*Pedem para respeitar o anonimato*». Além de nós, só Deus sabe!

Porto, dois contos da assinante 13329 — que aparece de vez em quando — e «perdoem a insignificância». Riqueza em todo o sentido!

Vem lá a «*Avó de Sintra*» com o cheque habitual para a «*família do costume*» e, no fim do cartão, um P. S.: «*A demora foi motivada pelo Centro Nacional de Pensões*». Todos estes pormenores testemunham a verdadeira Caridade!

O costume, de Vilares (Vila Franca das Neves). Um conto, de Monte Gordo, «*sufragando a alma de uma pessoa de família*», para uma cancerosa. O mesmo, do assinante 16301 de Águas Santas. Idem, da assinante 5193, de Espinho, para um caso apontado nesta coluna. Metade, do assinante 8004, invocando Pai Américo e a saúde abalada: «*São 83 anos*». Mais cinco contos do amigo Marcelo, de Gaia. Roupas, do Padrão da Légua. Por intermédio do nosso Padre Luiz: duas vezes 500\$00 da assinante 18880 e vinte contos de Mafalda.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Por aqui, dá que falar! Está próximo o torneio inter-Casas do Gaiato, em Julho.

Ultimamente, defrontámos uma equipa do Areeiro (Coimbra), muito nova, entre 13 e 16 anos. Deram bom treino, só que perderam por dois a zero.

Antes deste prélio, outros conviveram com um grupo de jovens de Coimbra (Sta. Clara).

Quanto a um outro jogueto, e à maneira de ganhar um troféu, os

antigos gaiatos venceram-nos por sete a seis. Como a água vai ao moinho, assim os golos foram para a baliza!

Seria uma brincadeira, mas chegaram a estar catorze antigos gaiatos em campo e o braço do bandeirinha a assinalar foras de jogo que só existiam, na sua visão, por brincadeira!

O árbitro foi determinante, sem rédeas a dar a ninguém. Foi mandão da tal galhofa. E não partiu o braço! Só faltou, como pontapé de saída, o pé do Pai Américo!...

Como novidade, por cá (importante na praia), teremos o grupo completo de voleibol a funcionar. A ver vamos os apetitosos...

FESTAS — Foi a trinta e um de Maio, em Arganil, que terminámos a nossa rota pelo centro do País com as habituais Festas.

Muita coisa se passou, e muita não caberá nesta crónica!

O programa de saídas é sempre grande e, por vezes, com mais pedidos. A verdade é que em muitos lados as salas não encheram. Não queremos queixar-nos, apenas dizer que muitas pessoas não puderam saborear o programa que levámos, com uma primeira parte incluindo um diaporama sobre a Vida e Obra de Pai Américo, a propósito deste ano festivo para todos.

No entanto, o carinho humano esteve sempre presente em todos os lugares. Parece que estão ali, todo o ano, ansiosos pela nossa chegada! Obrigado a todos os nossos Amigos.

Guido

## Outro livro de Pai Américo

# DE COMO EU FUI... Crónicas de viagem

Cont. da 1.ª pág.

rias...» Indícios do projectado livro *De como eu subi o altar*, cujo pronome pessoal (sublinhado) impedira a concretização da obra.

Os dois a caminho d'Angola, estava combinado: Pai Américo ditaria o texto, nós escreveríamos o dito no linguado. Dias propícios: mar alto, cercados de peixes voadores, ondas serenas, longe do bulício natural de nossas Casas — cheias de vida e juventude.

Sentávamo-nos à mesa, no convés ou na sala-de-estar, com papel e caneta. Olhos nos olhos.

— Vamos começar?

Minutos de silêncio, fixos na delícia do oceano sem fim.

— Vamos lá...!

— *Olha, não sou capaz!*

— Então, porquê?

— *Não sou capaz...! É o eu...*

— Tem de ser! Mude para a terceira pessoa — sugerimos.

Mais silêncio (interior). Duas forças: o sim e o não!

— Trouxe papel, trouxe tudo. Há um mundo à nossa frente, ansioso pelo livro!

— *Hoje, não! Guarda. Guarda o papel e a caneta. Não posso! Não sou capaz por causa do eu...*

Canas repetidas, entre as Canárias e a baía de Luanda, em 1952. Depois, não haveria mais hipóteses: a vida de Pai Américo — como alguém já disse — era um autêntico vendaval.

Lamentamos, cada vez mais, esta única oportunidade (perdida), que desfaria lendas; e seria, também, a melhor forma de revelar, para nós outros, com a sua palavra invulgar, toda a riqueza e transcendência expressas naquele ponto de admiração que acrescentava à sua assinatura — como acto de Humildade: **Pai Américo!**

Há que parar. A força do coração está na proporção inversa do espaço d'O GAIATO!

Júlio Mendes



O nosso rebanho: cabras, ovelhas, cordeiros. A mansidão! Reino de paz guiado por um pastor que foi da Rua.

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Boas notícias!

Assim, neste crescendo, atingiremos, brevemente, a meta dos 70.000 exemplares. Quem havia de dizer!

No itinerário programado para a Costa Verde, o nosso Padre Carlos recolheu, em Missas de preceito, 198 novos assinantes em Paramos (Espinho) e 120 em S. Vicente de Pereira (Ovar). Complêmento directo das celebrações eucarísticas.

Alguém, perdido entre a multidão, manda 21 novos leitores de Antes (Mealhada). Outra paróquia onde o Fogo desponta e queimar mais e mais.

Os alunos da Escola Preparatória de Portimão meteram-se em brios, como é próprio da Juventude, extravasando a Boa Nova, e angariaram 61

novos assinantes. Neste Algarve tão português (assombrado pelo idioma de Shakspeare) há jovens pregadores do Mandamento Novo que marcam bem a Língua de Camões — nosso traço de união.

Alto lá! Mais Juventude, do berço da nacionalidade — Guimarães. Junto à carta de três professoras — «Enviamos 29 assinaturas de alunos que manifestaram vontade de assinar O GAIATO após terem efectuado uma visita à vossa Casa, da qual muito gostaram» — uma outra, de Vania, que não resistimos a transcrever: «Sou aluna da Escola n.º 1 de Santa Luzia (Guimarães) e visitei a vossa Casa no dia 14. Gostei muito do que vimos. E também do que o Artur nos explicou.

Fui eu que entreguel o enve-

lope com o dinheiro que os meninos deram para a vossa Obra.

Já descrevemos o passeio e desenhámos tudo o que vimos. Afixámos na parede da sala.

A nossa professora mostrou alguns jornais O GAIATO que tinha recebido e falou do Padre Américo, que conheceu.

No recreio lemos O GAIATO que a senhora professora trouxe de casa. Reconhecemos o «Pica-pau» e o Artur.

Eu quero ser assinante. Parece que para a semana outros meninos também ficarão assinantes do jornal.»

Outra professora primária junta o útil ao agradável:

«Sou a tal professora primária das bandas de Viseu que gosta muito de arranjar assinantes entre os seus alunos. Este ano, tenho a 1.ª classe; mas, embora já lendo, achei melhor contactar as colegas. Assim, três que trabalham comigo, querem ser assinantes...»

Ferreira do Zêzere:

«Venho fazer a minha assinatura, no vosso jornal, já que ele é tão simples, tão terra-a-terra, tão corrente por onde passa a Vida.»

Lamego:

«O GAIATO entra em minha casa há muitos anos. E como são páginas de Evangelho vivo, nos nossos dias, pensei melhor

Retalhos de vida

## «BOMBEIRO»



Chamo-me Rui Manuel da Costa Barros e tenho 16 anos. O meu apelido é «Bombeiro».

Estou na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, há 9 anos. Vim para aqui porque dormia em queijos, ao relento; comia mal e, como a minha mãe bebia muito, eu sofria com as suas atitudes, pois metia-se com outros homens. Então, uns senhores meus amigos viram que eu passava mal e convenceram o meu pai para vir para a Casa do Gaiato. Agora, além de estudar, trabalho na rouparia e estou cá muito bem.

Rui Manuel da Costa Barros («Bombeiro»)

vir directamente. Assim, não se perderá nenhuma leitura.»

O desfile da procissão é um nunca acabar de gente! Que dizer, também, do fermento latente nas famílias de leitores do «Famoso»? Pais a inscrever filhos; avós, os netos; padrinhos, os afilhados; tios, os sobrinhos, etc. E vice-versa. Assinante 36100:

«Precisamente porque encontro nas páginas d'O GAIATO a verdadeira expressão da vida e um estímulo sério de amor ao Próximo, pensei em alguém de minha família que bem precisa de contactar com certas

realidades e faça despertar a generosidade da sua alma jovem e lhe dê a oportunidade de se colocar na perspectiva de um Deus que ainda não conhece.»

Assinante 34740:

«A Obra da Rua é um farol a iluminar tantas trevas que, neste século XX, ainda há neste mundo de tanta tradição e imenso paganismo. Peço que enviem O GAIATO para quatro dos meus filhos...»

E mais e mais e mais! — diria Pai Américo.

Júlio Mendes

## TRIBUNA DE COIMBRA

Andamos consoladinhos a comer e a beber as coisas boas que nos ofereceram no fim das Festas, nas terras onde as fomos fazer. Os embrulhinhos que, no fim, todos querem entregar aos nossos mais pequeninos, são a melhor recordação que trazemos.

Que olhos lindos os nossos fazem ao fixar os Almígos que se aproximam do palco! E os beijos que eles recebem! Andamos ainda a saborear as Festas.

Esta época tem sido pródiga em visitantes. Especialmente escolas e catequeses. Consolou-me tanto aquele telefonema de Figueiró dos Vinhos a dizer que os meninos e meninas que este ano têm a Profissão de Fé «querem muito vir abraçar os irmãozinhos gaiatos!» E, no dia seguinte, quase ao fim do dia, cá estavam com sua amizade e oferta de renúncias.

O grupo da Escola de Seia, de regresso a sua terra, juntou dinheiros e caixas com roupas, «tão encantados todos ficaram!» Todos querem voltar.

Um grande grupo de uma paróquia passou, conosco, parte do dia. Algumas pessoas comentavam de alto: «E nós não conhecíamos nada desta organização! Aqui é que toda a gente devia vir, ver e aprender. É tudo maravilhoso!»

Há professores que vêm, todos os anos, com seus alunos. Dizem que é a melhor aula do ano. Trazem cadernos. Fazem perguntas. Tomam apontamentos. Jogam a bola. Andam nos baloiços. Giram no carrossel. Levam lembranças que lhes enchem a alma e o coração para o ano todo e para a vida. Deixam saudades.

Há paróquias que vêm fazer dias de reflexão. Encontram aqui ambiente. A Capela é o centro. O salão é espaçoso. A água corre sempre na fonte. Há sombra e bancos. Há sol e mesas. Os meninos são todos encantadores.

As Casas do Gaiato devem ser «Santuários». Foi assim que Pai Américo proclamou. Santuários construídos por todos os que nelas se encontram. Os de dentro e os de fora. Não pode haver nas Casas do Gaiato simples visitantes ou espectadores. Todos têm de ser construtores de «Santuários».

Padre Luiz

Padre Horácio

## Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

Mais um Encontro dos Antigos Gaiatos em nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, no dia 14 de Junho.

Traço dominante: a alegria do reencontro. Primeiro momento solene: Neste ano do Centenário, Pai Américo está mais presente. O diaporama, apresentado nas Festas, foi outro momento alto.

A Eucaristia reuniu a Comunidade à volta da Mesa e Padre Horácio afirmou «o lugar central que a Eucaristia desempenha na vida da nossa Casa», citando Pai Américo: «Há que pôr Deus no Seu lugar».

Bonito, o testemunho do Zé Araújo para os pequenos gaiatos: que saibam ser antigos gaiatos, amanhã.

Houve eleições para os órgãos sociais da nossa Associação, em Assembleia Geral; e propostas, informações e trocas de impressões. Carlos Manuel propôs que os anteriores elementos continuassem em funções por mais um mandato. Aceite pela maioria. O Manuel Machado apresentou, depois, o Relatório e Contas do biénio 85/86. Aprovado por unanimidade. A sessão foi encerrada com a apresentação de uma xilogravura alusiva ao Centenário de Pai Américo, gentilmente trabalhada e oferecida pelo

antigo companheiro de Pai Américo, Monsenhor Nunes Pereira, a quem agradecemos.

O almoço constou de três tachadas de arroz com «carne» (dizem que era pouca) e não chegaram para aligeirar o vazio dos cerca de 300 estômagos presentes!

Houve, ainda, um petiscar daqui e um bebericar dali, a acompanhar. Mais convívio, mais confraternização, bica, jogos, actividades diversas (o 7, o 8 e o 202 foram, para quem ainda não sabe, os números premiados no sorteio realizado).

E futebol?... (Um cronista refere o prélio noutra local.)

A Direcção parece estar já a braços com o problema da instalação da nossa «sala de troféus». Um agradecimento para: Ourivesaria Catarino, Banco de Fomento, Auto-Peças e Farmácia Luciano e Matos que ofereceram as duas taças em disputa, e mais duas ao torneio inter-Casas. Agradecimentos ainda para outros que nos apoiaram: Diário de Coimbra, Jornal de Notícias, Papelarias Cristal e Arzel, Dan-Cak (Coimbra) e João Machado da Conceição (Lisboa).

A merenda foi o momento final deste dia que já ia longo. Depois, as despedidas e a debandada. Certamente que, amanhã, muitos vão começar a pensar já no próximo ano. Até lá, vamos pensando também em cimentar a nossa jovem Associação. Temos de a agarrar bem!

Carlos Zé

Cont. na 4.ª pág.

## Centenário de Pai Américo

**MEDALHAS** — Reiteramos o já aqui referido — quanto às medalhas de Pai Américo — para que não haja desgostos. Dado o limite da cunhagem será bom que os nossos Almígos não se descuidem e se dirijam às Casas do Gaiato da zona onde residem: 2900 Setúbal; Santo Antão do Tojal — 2670 Loures; 3220 Miranda do Corvo; Beire — 4580 Paredes; Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

**DIAPORAMA** — Edição da Obra da Rua, mas realizado pela Logomédia, encontra-se pronto. As Paróquias ou Associações que o desejem adquirir, com finalidades catequísticas ou pastorais, poder-se-ão dirigir a qualquer uma das nossas Casas. Nele se retrata, a corpo inteiro, a figura de Pai Américo, cuja voz está presente. A locução é do Padre Rego, com a colaboração do actor Rui de Carvalho e a realização do Padre Vilas Boas e do Dr. Capucho — especialistas neste género de trabalhos.

## Autoconstrução

É movimento que continua muito vivo! E sentimo-nos felizes por ver novas casas que se erguem; famílias que, antes, não tinham onde viver, agora, têm o aconchego do seu lar, construído com o suor do seu trabalho, a força de seus braços e o auxílio oportuno da Obra da Rua. Verdadeiro milagre! Juntam-se os pais e os filhos; amigos que fizeram a mesma experiência. Esta conjugação de esforços realiza o que parecia impossível. O fim-de-semana já não é consumido na taberna ou no café, mas na construção de suas casas.

Uns e outros dão-se as mãos. O sonho faz-se realidade. É um trabalho perseverante, gerador de comunhão entre as pessoas. Dura anos, por vezes, levantar as paredes, colocar a placa e pôr o tecto. Depois, os acabamentos vão-se fazendo. Quem não admira o esforço desta gente simples, que trabalha durante a semana e não pode contrair empréstimos, que o vencimento mal dá para comer o pão de cada dia? Verdadeiros heróis! Vivem desconhecidos, muitas vezes.

Há dias, demos um salto e subimos a encosta. Fomos chamados pela carta dum pároco. Ficámos contentes. Era um fim-de-semana. As paredes estavam levantadas.

# SETÚBAL

Faz no dia 14 de Julho cinquenta anos que nasceu Carmen Fortuna, conhecida na Igreja Setubalense pela «Carmita».

O GAIATO vem lembrá-la como uma das leitoras que melhor se deixou arrastar pela Sua mensagem e mais O amou.

Não sei se esta Igreja celebrará, nesta data, a Mulher Santa que é Sua.

A vida profética da Carmita incomoda, naturalmente, mesmo aqueles que querem incomodar sem serem incomodados. O Seu profetismo é real. Indestrutível e indesmentível. Está feito. Ninguém o pode destruir. Há somente que o pôr em evidência.

Ela viveu a sua fé crescente e comprometida, não pregando para que os outros vissem, mas vivendo para que o testemunho fosse real e denunciador.

Empenhou-se, essencialmente, em ser e em viver o discípulo. O Mestre foi Jesus. O livro foram os Pobres, os filhos de ninguém, os doentes, os pecadores, todos os homens. A escola foi a pobreza vivida e assumida na plenitude real da sua situação. O exame, a ligação amorosa e ininterrupta com o Senhor. A classificação, foram o sofrimento, a incompreensão, a alegria e a partilha.

A denúncia de situações injustas feita só por palavras ou escritos, em vez de compromi-

so, gera rejeição; em vez de paz e empenhamento traz revolta e desleixo. Figuras quiméricas exibindo bravura só aos próprios olhos, mas com resultados negativos! Ninguém queira semear por palavras o que não vive com vida.

Reli, mais uma vez, o livro em que é evocada: **Alguém que agarrou o Evangelho.** A maior parte, escritos pessoais em que ela própria se retrata. Parece-me ser um catecismo para jovens — actualizado em todos os tempos!... Um livro de meditação e confronto.

A Carmita é a figura da mulher consagrada na óptica evangélica do Padre Américo. Viveu a pobreza fazendo-se pobre, assumindo os Pobres e partilhando com eles todos os bens materiais e espirituais, sobrenaturais e humanos, sem qualquer sofisma ou disfarce.

Viveu a caridade, dando a sua maternidade virginal a seis filhos, marcados pela tragédia que o abandono gera: atraso, doenças psíquicas, dificuldades endémicas de promoção.

Viveu a obediência sujeitando-se a uma vida materialmente dura, difícil e exigente, praticando em tudo e sempre o amor.

Três conselhos evangélicos que fazem de um homem ou de uma mulher um consagrado. Ela viveu-os plenamente sem a roupagem de qualquer estrutura conventual.

Radicalmente fascinada pela Luz de Cristo é a imagem mais próxima da Mãe de Jesus! Neste ano Centenário do Padre Américo, o cinquentenário da Carmita vem dar-lhe relevo como figura que dele recebeu tanta inspiração.

Marcada pela sensibilidade poético-religiosa de Sebastião da Gama, empolgada pela prática evangélica do Fundador da Obra da Rua, a Carmita

deve à sua família a grande catequese cristã. Seus Pais, com treze filhos e uma economia muito débil, acolheram sempre os Pobres. Criaram no seio familiar mais um rapazinho abandonado... fazendo dele um homem de bem. Foi assim: na evidência clara e prática da fé e não na teoria, que a opção pelos Pobres e pelo Grande Pobre se enraizou no seu coração.

Esta Igreja dos finais do século vinte tem necessidade de pessoas «doucas» como a Carmita. Que se percama! Que se dêem! Que não façam contas! Que se aventurem! Que acreditem no Deus que é Pai.

Ela é Faro! para os jovens cristãos que querem amar a Jesus Cristo, fazendo a vontade do Pai e... não dizendo: Senhor! Senhor!

Para os apóstolos desta geração que às vezes se matam a pregar e menos em ser coerentes.

Para os casais cristãos que tanto desejam que os seus filhos o sejam sem que a radicalidade evangélica, entre na totalidade do seu matrimónio. A Carmita, com a sua santidade simples, acusa-nos a todos: — Não sois santos porque não quereis.

Padre Acílio

## AQUI, LISBOA!

«Deus é! Deus subverte. Deus é subversivo. Que se acautelem os homens que fazem e dão leis.» (Pai Américo)

A função do chefe é servir. Não estando em causa os seus legítimos direitos, mal dele, porém, se em vez de servir, se serve, esquecendo os seus deveres. Ora, como não se entende um corpo sem cabeça, é impossível qualquer estrutura social sem responsáveis. O que se lhes pede é o zeloso exercício das responsabilidades que lhe são cometidas e um apurado sentido da justiça, esta que Pai Américo diz ser a maior força moralizadora que há no mundo, sendo a contrária também verdadeira.

Todos os homens chamados «grandes», sejam eles os do dinheiro, os do saber ou os da política, colocados nos pontos decisivos do poder, devem ter uma consciência apurada das missões a desempenhar. O contrário será trágico, em primeiro lugar para eles próprios, que no Juízo Final serão chamados a contas, quer o queiram quer não; em segundo lugar, pelas consequências nefastas para os menos dotados ou bafejados pela sorte, que são credores dos mais poderosos do bom uso e do recto exercício dos seus talentos, em ordem ao bem comum.

Várias situações poderíamos aduzir para justificar o que dizemos atrás, à laia de preâmbulo. Cingir-nos-emos, todavia, a dois aspectos. Um, o das assimetrias nos ordenados e nas regalias, à maneira de chorudas prebendas que usufruem os gestores públicos e aparentados em relação ao comum dos mortais que, sem dúvida, se vão arrastando penosamente para conseguirem satisfazer as necessidades vitais mais elementares. Como sub-alínea sublinharíamos as disparidades existentes entre os servidores de conhecidas empresas públicas, ditas do ou ao serviço do Povo, e os da maior parte dos restantes. As desigualdades são gritantes, quando cidadãos de primeira e de segunda, às vezes desempenhando equivalentes ou iguais tarefas.

O outro aspecto que desejamos sublinhar é o que se refere

ao capítulo das reformas e pensões existentes, umas geradoras, passe a expressão, de morte lenta, outras de pomposo refastelamento e instalação. Assim, como justificar que um senhor Deputado, ao cabo de oito anos, possa auferir 104 contos mensais de reforma, que é muito maior, por exemplo, que a atribuída a um Professor universitário com trinta anos de serviço?! E o que dizer do comum dos reformados, mormente do sector primário, que levam a vida a moirer, às vezes de sol-a-sol, para receberem menos de uma dúzia de contos? Não será injusta a desigualdade existente entre um funcionário público e um outro, das empresas estatizadas, portanto oficiais, este recebendo a reforma por inteiro, sempre actualizada, graças ao papel suplectivo da entidade empregadora, enquanto o primeiro, numa disparidade ínfima, só recebe uma

parte, em função do tempo de serviço, apenas aumentada quando o são as reformas?

É muito bonito falar em dignidade de funções e fazer comparações com o que se passa no estrangeiro. É pena, porém, que se esqueça ser todo o trabalho digno e que as comparações, a fazer-se, deveriam ser abrangentes, isto é, referidas a todas as actividades ou funções. Mal vão as coisas, acrescente-se, quando aqueles que estão investidos de poder se aumentam a si próprios, à revelia de todos os critérios de justiça, no contexto social concreto e tendo em vista os restantes cidadãos.

Esperamos que as promessas em catapulta, da época em que vivemos, se tornem realidades, corrigindo, tanto quanto possível, estas e outras assimetrias existentes, beneficiando os mais desprotegidos e buscando uma maior justiça.

Padre Luiz

## Uma boa notícia

Cont. da 1.ª pág.

fessor Daniel Serrão, a quem vimos citando — «pensamos que o Norte, que tanto apoiou a Obra do Padre Américo, poderia agora ajudar a erguer este outro «Calvário» para nele se aliviarem os sofrimentos e as angústias das pessoas nesta situação de abandono. Muitas delas permanecem no hospital, ocupando camas necessárias para o tratamento de outros doentes, porque o médico não tem coragem de dar alta a uma pessoa que terá de ficar sentada numa pedra à porta do hospital». Ou então — acrescentamos nós — mobilizam a Assistência Social dos hospitais na procura angustiante de uma saída justa para tais doentes, sabido como é difícil encontrá-la porque o «Calvário» e o quase nada mais que existe para problemas semelhantes, não têm capacidade de resposta à avalanche deles que de toda a parte flui.

Pai Américo, mercê daquele Dom de ler sem ter aprendido de ninguém senão de Deus, o Senhor da Graça, viu e denunciou esta lacuna. Quantos clamores ao colmatar da brecha ele lançou ao mundo deste púlpito que é O GAIATO! Ele, cada hospital com o seu «Calvário»! Ele, cada paróquia, ou grupo delas, com o seu pequenino «Calvário» garantido por

um Corpo de Voluntários que assim daria testemunho luminoso da Vida pujante naquela porção do Corpo de Cristo que é a Igreja, desde a Doméstica à Universal!

Chegou a hora, bendito seja Deus!

«Este espaço assistencial, desejamos criá-lo sob a invocação do Padre Américo.»

Quem duvida de que este é o mais belo monumento, o mais caro ao seu coração, que alguém poderia erguer-lhe?! Que o seu Centenário fosse marcado, só que o fosse por esta realização — e teríamos uma celebração magnífica!

Teríamos... não; vamos ter! O projecto está em marcha e em força; e, sábiamente, evita e tornea todos os escolhos burocráticos. É uma iniciativa de Voluntários, em que se espera o concurso de todo o Povo. Ninguém pôs o problema do dinheiro. Ninguém tem medo dele. Nos alicerces estão os Voluntários; as pedras são eles...; até às telhas e depois lá dentro, sempre eles. O resto há-de vir por acréscimo. Quem sofre de incertezas sobre o êxito de um tal projecto?!

Esta «Boa Notícia» — assim o esperamos — é penhor de muitas outras de igual sorte que aqui havemos de dar.

Padre Carlos

## Autoconstrução

Cont. da 3.ª pág.

— Venha ver, disse o pai de família que ficara sem um braço, em acidente de trabalho.

Tudo muito simples, mas com as divisões necessárias — quartos para os filhos, para as filhas e para os pais; e o mais que é necessário numa casa para se viver com dignidade. Escutámos, atentamente, a história daquela obra tão importante para uma família com quatro filhos, a viver numa cave, feita de pedras, com as paredes esburacadas.

Há cinco anos que começou

a sua nova casa. Prédios de muitos andares não demoram tanto tempo a subir e a acabar. Por isso, não têm história tão rica como a casa deste Autoconstrutor, apenas de rés-do-chão. E não resistimos a fazer, também, parte dela. O telhado ficou por nossa conta. Havemos de lá voltar para saborear a alegria daquela família, amassada com o suor, a esperança e a paciência de quem é pobre — mas não desanima.

Padre Manuel António



Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Junho: 66.565 exemplares.